

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:  
 – “Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
 que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”  
 Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:  
 – “Pudesse eu copiar o transparente lume,  
 que, da grega coluna à gótica janela,  
 contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”  
 Mas a lua, fitando o sol, com azedume:  
 – “Miser! tivesse eu aquela enorme, aquela  
 claridade imortal, que toda a luz resume!”  
 Mas o sol, inclinando a rutila capela:  
 – “Pesa-me esta brilhante aureola de nume...  
 Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
 Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”  
 Machado de Assis, Circulo vicioso.

De repente do riso fez-se o pranto  
 silêncio e branco como a bruma  
 e das bocas unidas fez-se a espuma  
 e das mãos espalmadas fez-se o espanto.  
 De repente da calma fez-se o vento  
 que dos olhos desfez a última chama  
 e da paixão fez-se o pressentimento  
 e do momento imóvel fez-se o drama.  
 De repente, não mais que de repente  
 fez-se de triste o que se fez amante  
 e de sozinho o que se fez contente  
 fez-se do amigo próximo o distante  
 fez-se da vida uma aventura errante  
 de repente, não mais que de repente.  
 Vinicius de Moraes, Soneto da separação.

Quando olhada de face, era um abril.  
 Quando olhada de lado, era um agosto.  
 Duas mulheres numa: tinha o rosto  
 gordo de frente, magro de perfil.  
 Fazia as sobrelhas como um til;  
 a boca, como um o (quase). Isto posto,  
 não vou dizer o quanto a amei. Nem gosto  
 de me lembrar, que são tristezas mil.  
 Eis senão quando um dia... Mas, caluda!  
 Não me vai bem fazer uma canção  
 desesperada, como fez Neruda.  
 Amor total e falho... Puro e impuro...  
 Amor de velho adolescente... E tão  
 sabendo a cinza e pêssego maduro...  
 Manuel Bandeira, Peregrinação.

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 01 – 2013 JANEIRO  
 Assinatura até 31.12.13: 11 selos postais de 1º Porte Nacional  
 Não-comercial (RS 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☉ www.haiku.sf.nom.br ☺

Nacer es un azar. Vivir es una ley. Morir es una necesidad. Amar es estas tres cosas y además es una gracia!	Una solo mirada bastó para dar vida a mi alma. Y una sola palabra bastó también para dar muerte a mi corazón.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Julio Herrera e Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz,  
 Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

No calendário da vida  
 os janeiros vão e vem,  
 deixando mais reduzida  
 a vida que a gente tem.  
 Analice Feitoza de Lima, 1101  
 Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º  
 01501-030 – São Paulo/SP

É dor nisso... é dor naquilo...  
 Ó velhice!... que transtorno!  
 Mas, o pior, é o tal grilo  
 de aquilo virar adorno!  
 Jaime Pina da Silveira, 1101  
 Trovia – visite:  
 www.falandoetrova.com.br

Procurei de Sul a Norte,  
 o sexo frágil. Cadê?  
 A mulher é quem é forte,  
 e a prova encontro em você!  
 João Batista Serra, 1102  
 O Patuco: Caixa Postal 95  
 61600-970 – Caucaia/CE

O equilíbrio na afeição  
 e o amor na dose certa,  
 harmonizam a paixão,  
 quando no peito desperta.  
 Joel Hirenaldo Barbieri, 1101  
 Trinos do Pitiguri: Rua Guanabara 542  
 59014-180 – Natal/RN

Conta-nos (maior barato)  
 Lúcio Mauro ainda agora,  
 peripécias do Nonato –  
 Maranguape e mundo afora.  
 Manoel F. Menendez

O sertanejo padecer  
 a inclemente falta d'água  
 mas olha o céu e na prece  
 esquece a tristeza e a mágoa!  
 Rejane Costa Barros, 1101 Binóculo  
 ivonildodias@secrel.com.br  
 jbatista@unifor.br

Chico Anísio foi profundo,  
 dizer em verso é preciso:  
 nosso Professor Raimundo  
 foi mesmo o mestre... do Riso!  
 Ademar Macedo

Foi Chico Anísio cronista  
 também compôs, versejou...  
 Porém foi como humorista  
 que a todo mundo encantou.  
 Deusedit Rocha

Livro da vida anuncia:  
 “Chico Anísio – o professor –  
 deixa página vazia  
 na grande escola do humor!”  
 Dodora Galinari

A saudade desvairada,  
 jamais apaga a alegria  
 de cada cena engraçada  
 que Chico Anísio fazia...  
 Ivone Taglialegna Prado

La partida de este mundo  
 de Chico Anísio, afligió,  
 se fue el profesor Raymundo  
 que tanto nos divirtió.  
 José Héctor Rodriguez

De Chico Anísio as imagens  
 nunca morrerão em mim;  
 como esquecer personagens  
 como Azambuja e Paim?!  
 José Pereira de Albuquerque

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.  
 2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.01.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Índio, Manacá, Sanhaço.  
 Até o dia 28.02.13, enviar até 3 haicus de quigos: Crista-de-galo, Dia dos Animais, Jandaia.  
 Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
 Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
 05010-040 - São Paulo, SP  
 ou mfmendez@superig.com.br

UBT – Maranguape, VII Concurso de Trovas/2011

## QUIDAIIS DE VERÃO – TEMAS DE VERÃO

No terreiro da casa,  
 brincadeiras de crianças.  
 Chuva de verão  
 Ana Beatriz Bom Boff

Chuva de verão  
 gosto de brincar lá fora  
 mamãe não deixa.  
 Ana Maria Schoab

Logo cedinho  
 brilha o sol de verão  
 por entre o verde.  
 Bianca Sabateviski Glinski

Barulho do vento  
 na janela do meu quarto  
 fico com medo.  
 Brenda Sandeski

Comando do sol  
 acompanha o girassol  
 praça da cidade.  
 Bruna França Glinski

Abro a janela  
 o brilho das violetas  
 na réstia do sol.  
 Cristhian Diego Coltro

Jardim da vizinha  
 rosas de várias cores  
 oh! que perfume.  
 Débora Caroline Chami

Grémio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

## HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Arranjo de dália  
 de colorido sortido.  
 Beleza se espalha. D  
 Alberto Siuffi

Num fluxo e refluxo,  
 inquietas, as ondas recuam...  
 Ressaca no mar! D  
 Amália Marie Gerda

Levou um banho  
 na calçada da praia.  
 Ressaca. J  
 Flávio Ferreira da Silva

Pequeno voador,  
 iluminando à noite;  
 pirilampo. D  
 Iracema Gomes

A cada entrega,  
 cumprimentos.  
 Dia do Carteiro.  
 Manoel F. Menendez

O vizinho grita:  
 – “lá vem terrível toró,”  
 barreira deslisa.  
 Maria App. Picanço Goulart

Ventania da tarde.  
 O homem e o mar,  
 vem aí ressaca? J  
 Marilena Budel

Pirilampos  
 brincando de estrelas  
 nas bordas dos campos. J  
 Alberto Siuffi

Insetos festejam  
 o desabrochar da dália  
 e a sua beleza. J  
 Amália Marie Gerda

No sítio do avô,  
 conheceu pirilampos.  
 Novidade. J  
 Flávio Ferreira da Silva

Entre pisca-piscas  
 seguem pela estrada afora.  
 Guia e pirilampos. J  
 Manoel F. Menendez

O terreiro brilha,  
 luz acende e apaga;  
 são os pirilampos. B  
 Maria App. Picanço Goulart

Dia do Carteiro,  
 sempre levando as cartas,  
 não comemora.  
 Maria App. Picanço Goulart

Com fluxo e refluxo,  
 maré cheia forma um porto.  
 Dia de ressaca. J  
 Renata Paccola

Ressaca no mar  
 enjoado, descorçoado.  
 Ondas a desabar. J  
 Alberto Siuffi

No ar, parado e quente,  
 todo filtrado de luzes,  
 a estrela Canícula!  
 Amália Marie Gerda

Dália plantada  
 junto à grade de ferro.  
 Guri pegou uma. J  
 Flávio Ferreira da Silva

Chuá repentino –  
 ressaca invade a calçada.  
 Um outro chuá. J  
 Manoel F. Menendez

O quadro formoso,  
 inspiração do pintor;  
 jarra com dalias. D  
 Maria App. Picanço Goulart

Na cortina aberta  
 pausa um pirilampo.  
 Apago a luz. D  
 Marilena Budel

Vários Pirilampos  
 fazem voo circular.  
 Festival de luzes. J  
 Renata Paccola

Saltita, entre as flores,  
 uma luzinha furtiva...  
 Voa o pirilampo. B  
 Amália Marie Gerda

Na tarde escaldante,  
 um trovão quebra o silêncio  
 e o toró desaba.  
 Amália Marie Gerda

Mar bravo,  
 maré alta,  
 ressaca. A  
 Iracema Gomes

Flor desabrochada;  
 desabrochando, botões.  
 Dalias no jardim. J  
 Manoel F. Menendez

Água na calçada  
 barulho risonante,  
 bela ressaca. J  
 Maria App. Picanço Goulart

No velho muro  
 encosta a dália vermelha.  
 Vento forte. D  
 Marilena Budel

Canteiro de dalias  
 na casa do interior  
 enfeitada o jardim. J  
 Renata Paccola

## O A U T Ô M A T O

Alberto Moravia 1907-1990, O autómato, tradução: Manuel Martins de Sá, Livros de Bolso Europa América, Edição 540/1733, 1972 – www.estantevirtual – Gentileza de Roberto de Lucia

Depois de estar vestido, Guido foi observar-se ao espelho do guarda-fato e experimentou, como habitualmente, uma sensação de desagradado. Com efeito, toda a roupa que envergava era nova e de primeira qualidade: casaco novo de tecido espinhado; calças novas, cinzentas, de flanela; gravata nova com riscas vistosas; meias novas de lã encarnada e sapatos novos de camurça; e, contudo, não era elegante, parecia um manequim na montra de um grande armazém.

Guido saiu do quarto, cuja desordem o

incomodava, e entrou na sala de estar. Aqui tudo era limpo, ordenado, luminoso; Guido sentiu-se de novo tranquilo, ainda que, naquela manhã, desde que acordara, o atormentasse a suspeita de ter esquecido qualquer coisa: um encontro?, um telefonema?, um pagamento?, um aniversário? Por fim, sacudindo a cabeça, aproximou-se do gira-discos, no canto junto da chaminé. O gira-discos, de marca americana, era automático; ou seja, carregando um botão, o braço com a agulha levantava-se, deslocava-se, baixava e pousava na orla do disco. Guido tirou da discoteca, ao acaso,

um disco de música ligeira, colocou-o e carregou no botão. Aconteceu, então, um fato inesperado: o braço levantou-se, deslocou-se, mas não baixou; pelo contrário, continuou a deslocar-se com um movimento, dir-se-ia, ponderado, e, por fim, foi pousar no centro do disco, e não na extremidade. Ouviu-se um estridor crepitante, o braço saltitou para trás, sobre o disco, levantou-se de novo e, com um clique sonoro, voltou à posição de repouso. Guido tirou o disco e examinou-o à luz da janela: o disco estava estragado, em vários pon-

tos descobriam-se sulcos profundos. Pela primeira vez, o automatismo não tinha funcionado. Guido, bastante desconcertado, colocou outro disco, mas o braço levantou-se e baixou regularmente, sem mais falhas. Embora escutando a música, perguntou a si mesmo qual poderia ter sido o motivo do estranho comportamento do gira-discos, mas verificou que a provável explicação técnica não o satisfazia. Naquele momento entrou a mulher. Trazia pela mão os seus dois filhos, Piero e Lúcia, ambos com cerca de 5 anos, duas crian-

ças de rostos delicados e sensíveis, sobretudo Piero, que se assemelhava muito a uma fotografia de Guido quando este tinha a mesma idade. A mulher disse às duas crianças:

– Vamos, ide dar um beijo ao papá. – E deixou-se ficar no meio da sala, enquanto as duas crianças, obedientes e afetuosas, corriam a trepar para os joelhos do pai. Guido, por sua vez, abraçou-as; enquanto as abraçava, olhou, por cima das suas cabecitas encaracoladas, para a mulher e notou, como se a visse pela primeira vez, que era alta, delgada e lisa, que estava mirrada e consumida pelas duas maternidades, privada já de qualquer fascínio feminino. Notou também que trazia óculos e tinha o nariz um pouco encarnado; que vestia uma saia larga, azul, e uma camisola de um azul ainda mais escuro. Afigurou-se-lhe, subitamente, que todos estes pormenores deviam ter um significado próprio, um pouco como os símbolos das charadas que, normalmente, se explicam com uma só palavra; mas a mulher não lhe deu tempo para o descobrir. – Então vamos – propôs –, já é tarde, se nos demoramos mais, arriscamo-nos a encontrar as estradas apinhadas de carros.

Guido aqueceu:

– Vamos. – E seguiu a mulher, que segurava de novo as crianças pela mão.

O apartamento era no rés do chão de uma casa nova dos Parioli; à entrada havia um minúsculo jardim com ruazinhas de cimento, canteiros cultivados com tulipas e arbustos cortados em forma de bola e de cone. A família atravessou este jardim e saiu para uma rua estreita, ladeada de prédios novos e apinhada de carros alinhados ao longo dos passeios. Guido, agora, perguntava de novo a si mesmo o que tinha esquecido naquela manhã; com este pensamento permanentemente na cabeça, fez subir para o carro a mulher e as crianças, engronou a mudança e partiu. O carro desceu rapidamente a Via Flaminia, atravessou a ponte e continuou a sua marcha através dos Lungoteveri. A meta do passeio era o lago Albano. Como a mulher – que ia sentada atrás com a filha – observou, “era domingo e estava um lindo dia”; era pena, realmente era pena, que não se pudesse fazer um piquenique, mas tinha chovido há pouco e o terreno encontrava-se ainda úmido. Guido nada respondeu a isto. A mulher continuou a falar ora de uma, ora de outra coisa, com ponderação, dirigindo-se não só ao marido, mas também aos dois filhos. Guido, por seu turno, concentrou toda a atenção na estrada, que, com o movimento que tinha, e ainda por cima de gente dominieira, exigia mais prudência e habilidade do que habitualmente.

– O carro, depois de haver percorrido uma

longa extensão da Appia Antiga, tomou a Appia Pignatelli, passando desta para a Appia Nova. Guido mantinha uma velocidade regular, não excessiva, mesmo quando a estrada à sua frente se mostrava desimpedida. Os seus olhos, entretanto, notavam uma série de coisas que pareciam interessantes, mas cujo significado lhe escapava: a cintilação das niquelagens de um grande carro preto que os precedia, a brancura imaculada, salpicada de luzes, de uma bomba de gasolina em forma de cilindro, meio escondida entre as árvores com rebentos primaveris; a alvura calcinada de certas casas; a cor argêntea de um avião que descia em diagonal através do céu para aterrar no aeroporto de Ciampino; o fulgor repentino de uma janela sobre a qual batia um raio de sol; a tinta pastosa das faixas de sinalização pintadas nos troncos dos plátanos, ao longo da estrada. Todas estas coisas brancas, cintilantes, fulgidas, contrastavam de maneira gritante, com uma grande nuvem negra que invadira o céu e ameaçava estragar aquele belo dia; também o campo, de um verde-claro e tenro, quase lactescente, destoava do sombrio fundo tempestuoso. Guido perguntou a si mesmo, uma vez mais, qual podia ser o significado deste contraste, mas não encontrou nada: e, contudo, estava seguro de que o havia. A mulher, atrás, falava à filha; o filho, que ia sentado ao lado dele, tinha-se entretanto ajoelhado no assento e, com as mãos assentes no encosto, intervinha na conversa entre a mãe e a irmã. As vozes frescas, agudas, das crianças que interrogavam, e a voz calma da mãe, que respondia, escondiam também, certamente, um sentido; mas Guido, como aliás em todas as outras coisas que sucessivamente ia notando, não o conseguia encontrar, embora estivesse convencido da sua existência.

Depois, as crianças calaram-se. No silêncio que se seguiu, a mulher, apercebendo aperceber-se do mutismo de Guido, perguntou-lhe:

– Que tens? Estás de mau humor?

– Não, não estou de mau humor.

– Mas também não estás de bom humor...

– Estou de humor médio, o meu humor habitual.

– É justamente aquilo que mais aprecio em ti, o teu humor médio, como dizes; mas tinha a impressão de que estavas de mau humor.

– Porque gostas do meu humor médio?

– Ora, dá-me uma sensação de segurança. A sensação de estar com um homem em quem se pode confiar plenamente.

– Esse homem sou eu?

– Sim, és tu. – A mulher falava tranquilamente, objetivamente, como se se tratasse de uma terceira pessoa. – Eu confio em ti porque sei que és um bom marido e um bom pai. Sei que contigo não pode haver surpresas; que fazes

sempre o que é justo. Esta confiança torna-me feliz.

– És feliz comigo?

– Bem... sim. – A mulher pareceu refletir por um momento, com escrúpulo. – Sim, sou feliz, posso sem dúvida dizer que sou feliz. Deste-me tudo aquilo que eu desejava: uma família, filhos, uma vida desafogada e segura. Agrade-te que eu seja feliz contigo! – A mulher estendeu a mão e fez-lhe uma ligeira, afetuosa carícia na nuca.

– Sim, agrada-me.

O automóvel agora tinha deixado a Appia Nova e entrado na Estrada dos Lagos, correndo entre os campos verdejantes, onde, aqui e além, se viam tremular as pequenas nuvens brancas e rosadas das florescências das árvores de fruto. Depois surgiu uma mimosa amarela perto de uma casa azul; em seguida depararam-se-lhes algumas figueiras que tinham os ramos cheios de flores de um vermelho viçoso. Guido disse:

– Não estava de mau humor, vinha apenas a pensar em qualquer coisa que aconteceu há pouco.

– O quê?

Guido referiu o caso do disco e a falha no automatismo do gira-discos e concluiu:

– Agora o disco está estragado. Mas o que eu não consigo é explicar a mim mesmo como foi possível o gira-discos não ter funcionado.

A mulher respondeu em tom de graça:

– Vê-se que as máquinas, uma vez por outra, estão cansadas de ser máquinas e querem demonstrar que não o são.

– Sim, será isso.

O filho, que continuava ajoelhado no assento ao lado de Guido, perguntou inesperadamente à mãe se naquele dia comeriam morangos. A mãe explicou então que não havia morangos naquela estação; os morangos eram fruta e, pelo contrário, a Primavera era a estação das flores, como ele podia verificar olhando para o campo. Guido escutou por algum tempo as explicações da mulher e, em seguida, fez uma última e já débil tentativa para recordar aquilo que estava convencido de ter esquecido naquela manhã, mas não encontrou nada. Talvez uma reunião de negócios para o dia seguinte, que era segunda-feira: de qualquer modo, no escritório, tudo estava escrito na agenda e seria fácil sabê-lo.

Entretanto, tinham chegado à estrada que circunda o lago Albano; este, contudo, ainda não se via, pois estava escondido pelos jardins das numerosas villas. Depois, numa curva, o lago começou a revelar-se gradualmente: primeiro os precipícios, cobertos de uma densa camada de erva verde-escura; depois, mais abaixo, como no fundo de um funil, o lago

imóvel e pardacento no qual se refletiam, com sombras desiguais, as margens altas e o céu nublado. Guido lançou de fuga uma olhadela ao lago e teve de novo a sensação de um significado escondido atrás de numerosos e dispersos pormenores. A estrada, agora, era a subir, e Guido mudou de velocidade, passando da quarta para a terceira. No cimo da subida avistava-se um miradouro suspenso contra o céu, para além do qual se adivinhava um salto de algumas centenas de metros.

Repentinamente, Guido teve a sensação de passar de um lugar subterrâneo para o ar livre, saindo de uma atmosfera compacta e surda para uma outra clara e leve. E, com esta sensação, ocorreu-lhe um pensamento preciso: impelir o carro a toda a velocidade para aquele vazio que se divisava no cimo da subida e lançar-se para aquele vazio que se divisava no cimo da subida e lançar-se no lago com a mulher e os filhos. O carro daria um salto de 200 ou 300 metros, caindo diretamente no lago; a morte seria instantânea. Guido perguntou a si mesmo se este pensamento era inspirado por ódio seu contra a família, e verificou que não. Pelo contrário, pareceu-lhe nunca os ter amado tanto como neste momento em que desejava destruí-los. Mas era realmente um pensamento ou uma tentação? Era uma tentação, quase irresistível, de uma doçura fúnebre, tenaz e fundente; semelhante à que inspira uma compaixão que não quer ficar impotente.

O carro desviou-se para a direita, até roçar na margem da estrada, subindo rapidamente na direção do miradouro. Mas, superado o ponto mais alto, Guido encontrou-se perante um pequeno prado, que não previa; o precipício tinha ficado para trás e, já agora, o momento tinha passado: cair no vácuo teria sido uma coisa natural; retroceder para cair, um crime. Guido parou, puxou o travão de mão e deixou-se ficar quieto. Não experimentava qualquer sentimento particular; parecia-lhe apenas ter saído da atmosfera leve e entrado de novo na atmosfera surda e compacta. A mulher, descendo do carro, disse:

– Bravo, fizeste bem em parar: vamos dar uma vista de olhos ao lago.

Quando os quatro chegaram à orla do miradouro e se debruçaram, segurando-se pela mão, a contemplar o lago, Guido recordou-se subitamente daquilo que havia esquecido: naquele domingo ocorria o aniversário do seu casamento; tinham falado disso na noite anterior, depois de haverem deitado as crianças; e o passeio fora decidido, exatamente, para festejar o acontecimento.

A mulher que é toda encanto, lembra a abelha, meiga e boa: dá mel gostoso, no entanto, se for preciso, ferroa!

A. A. de Assis

Pouco me dá que se diga meu verso fora de moda. Meu verso é apenas cantiga de ciranda e de roda.

Adelmar Tavares

Ônibus naquela estrada fez curva sem direção; apertei tua mão gelada, começou grande paixão.

Alfredo Barbieri

Não rias... Também não ralhes da minha pose elegante; que sabes tu dos detalhes que achei nos versos de Dante?

Amália Max

A lembrança, na velhice, sempre traz a mocidade, que, qual sombra, com meiguice, abraça a terceira idade...

Angelica Villela Santos

Quando é dia de encontrar aquela antiga paixão, não consigo disfarçar a minha grande emoção.

Argemira F. Marcondes

Fiz na vida o meu escudo desta verdade sagrada: – o nada com Deus é tudo, o tudo sem Deus é nada.

Belmiro Braga

Naquela biblioteca quanto valor foi criado: dos estudantes de beca, ao magistrado afamado!

Cacilda Pinto da Silva

Quem te vê jamais esquece teu sol, jardins, praia e mar! Ai, Santos, quem te conhece não deixa mais de amar!

Carolina Ramos

Ontem, muita história e quanta, nesta terra alencarina; hoje Fortaleza encantada, nos orgulha e nos fascina!

Deusdedit Rocha

Nos olhos de uma criança que na vida é muito amada, há uma luz de segurança que ilumina sua estrada.

Élbea Priscila de Sousa e Silva

Pedregulho, muitos tem como um bairro com bom jeito... Pra morar, se sentem bem... Pra viver, está perfeito!!!

Gertrudes Greco

Quando mentiras vazias se mesclam numa união, o amor, no passar dos dias, se acaba, em desilusão!

Giva da Rocha

Lamento do girassol no lusco-fusco mais lindo, é aquele quando o sol vai do céu se despedindo...

Joel Hirenaldo Barbieri

Ao me afastar de teus braços tive perdas, mas, enfim... sou dono dos próprios passos; voltei outra vez pra mim.

José Ouvemey

Anão com metro e noventa!? Não pode ser, seu Raimundo! E o seu Raimundo sustenta: é o maior anão do mundo!!!

José Tavares de Lima

Sou nas praias dessa vida, que o destino desprezou, fugaz espuma esquecida que o mar na areia deixou!

José Valdez de Castro Moura

São Francisco, na humildade, conquistou o mundo inteiro e orgulha a nossa cidade, sendo o nosso padroeiro.

Judite de Oliveira

Qual Feito honra Portugal, cujo campo é o Mar hostil?! – A Epopeia de Cabral, à procura do Brasil!!!

Maria Madalena Ferreira

A joia que eu procurava, em você fui encontrar! O amor de que eu precisava hoje vive no meu lar.

Martinho Monteiro

Todo vento tem seu jeito, sua forma de ir e vir. Mas o tempo, bom sujeito, faz a trova prosseguir.

Oivaldo Júnior

Na alma eu tenho um segredo, um mistério em minha vida. Não revelo, tenho medo desta paixão proibida...

Renato Ramos Macedo

Diz a galinha d'angola: – Meu marido é mesmo um saco! Quando tiro a camisola, logo ele grita: “to fraco”!

Wanda Mourthé

A saudade, infelizmente, talvez por ser invisível, toma, na vida da gente, todo o espaço disponível.

Wilson Montemor

Trevo na Trova, Dezembro 2012 – União Brasileira de Trovadores, Seção de Taubaté

Los historiadores no creerán que a los países les encanta ser invadidos; los políticos no creerán que a los pobres les encanta comer promesas.

La solemnidad se dejará de creer que es una virtud, y nadie, nadie tomará en serio a nadie que no sea capaz de tomarse el pelo.

La muerte y el dinero perderán sus mágicos poderes, y ni por definición ni por fortuna se convertirá el canalla en virtuoso caballero.

Eduardo Hughes Galeano, periodista e escritor nascido em 03.09.1940 em Montevideú, Uruguai; tradução: Enzo de León – SF1110 (trecho)

Velhos deitados: Onde há ego, há conflito.

Os historiadores não acreditarão que os países adoram serem invadidos; os políticos não acreditarão que os pobres adoram comer promessas.

A solenidade deixará de acreditar que é uma virtude, e ninguém, ninguém levará a sério alguém que não seja capaz de tirar sarro de si mesmo.

A morte e o dinheiro perderão seus mágicos poderes, e nem por falecimento, nem por fortuna se tomará o canalha em um virtuoso cavalheiro.

The historians will not believe that countries just love to be invaded; the politicians will not believe that poor people just love to eat promises.

The solemnity will stop believing that this is a virtue, and no body, nobody will take seriously anyone, who is not able to laugh at himself.

The death and money will lose their magical powers and nor for death, nor by fortune the villain will not turn into a virtuous gentleman.